

RECONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS EM SOCIEDADES PLURAIS: os povos da fronteira Brasil – Guiana

Mariana Cunha Pereira¹

Resumo

As reconstruções identitárias que vem ocorrendo nas Américas estão interligadas com o fenômeno dos estados-nação, uma vez que estes são conseqüências dos processos de colonização que dominaram povos e desintegrou culturas. A questão nacional iniciada no mundo colonial americano desde o século XVIII com os movimentos de independência, para a América Latina se configura de modo contraditório posto que tais estados-nação passaram a ser a configuração do poder daqueles que deram continuidade aos interesses e prestígios do poder colonial. O que significou para os povos dominados - **índios e negros** - a permanência da colonialidade. Neste artigo pretende-se estudar como esses povos que apresentam suas reconstruções identitárias nesse movimento contra-hegemonico na região fronteira do Brasil com a Guiana. Pretende-se aqui estudar com base nas categorias de identidade, cultura e nacioanidades.

Palavras-Chave: Brasil; Guiana; fronteira; identidade.

Introdução

As reconstruções identitárias que vem ocorrendo nas Américas estão interligadas com o fenômeno dos estados-nação, uma vez que estes são conseqüências dos processos de colonização que dominaram povos e desintegrou culturas.

¹ - Graduada em Ciências Sociais (UFC), Mestre em Educação(UnB), Doutora em Antropologia Social(CEPPAC/UnB). Professora da Universidade Federal de Goiás/Faculdade de Educação.

Na tentativa de falar das reconstruções identitárias em que estão em jogo às identidades étnicas e como essas se configuram diante os Estados-nação, creio que o melhor a fazer é discuti-las a partir de exemplos concretos de realidades onde os indígenas e os negros estão escrevendo sua participação nas histórias locais de acordo com as especificidades de cada modo de colonização e de criação do Estado-nação.

Desse modo faremos alguns recortes a partir de pesquisas sobre os povos da fronteira do Brasil – Guiana: negros, indígenas e brasileiros regionais não-negros e não-indígenas e os Coolie. A idéia é discutir a cultura como um fenômeno em movimento que se modifica e é parte dos processos de aprendizagem construídos no cotidiano da vida na fronteira e que estas mudanças se produzem a partir de conflitos culturais. Assim a cultura, sinônimo de empréstimos culturais e mudanças culturais, não é apenas o contexto das relações mais é constitutiva dessas relações. Podemos nesse texto abordar tantos os empréstimos culturais que cada grupo faz do outro como mostrar as mudanças culturais que cada grupo produz no interior de sua cultura e na cultura do “outro”. Além dessa categoria de análise faremos uso também das categorias identidade e nacionalidade. A primeira entendida como a construção plural que um grupo pode fazer de si e dos outros. E, a segunda, nacionalidade é a identificação que um grupo têm de si por causa de uma origem comum, entretanto em determinados contexto essa identificação aparece como pertencimento e pode no interior de uma sociedade expressar-se pela etnicidade.

Empréstimos, Mudanças e Conflitos Culturais na Fronteira

O cotidiano da vida na fronteira revela que há uma travessia diária e contínua de pessoas e mercadorias sobre as águas do rio Tacutu a qual denominei de trânsito transfronteiriço, porque envolve sujeitos sociais dos dois Estados-nação aqui em estudo,

o Brasil e a Guiana. Esse trânsito transfronteiriço constitui-se de inúmeros empréstimos culturais entre os sujeitos que os produzem e aos poucos vão remodelando os aspectos históricos e sócio-culturais da região de fronteira.

O trajeto fluvial que as águas do rio Tacutu possibilitam é testemunha de uma socialização do modo de vida, para ambos os lados da fronteira, que _ muito longe de criar uma hibridização no perfil de quem faz a travessia _ desnuda-lhe a identidade étnica e nacional em todos os momentos.² Esta tese se sustenta no significado de fronteira que ali se constrói para além dos limites geopolíticos, por isso faço referência ao estudo de Gordillo e Leguizamón (2001), que permite abordar a região de fronteira segundo o conceito de: *Frontier*, visto como espaço de articulação entre sistemas com dinâmicas socioeconômicas heterogêneas.

Interagem nesse espaço os sistemas simbólicos do Brasil e da Guiana. A isso se convencionou chamar intercâmbio cultural, porém, neste texto quero explorar que às ações ali produzidas vão além do intercâmbio produzindo empréstimos culturais o que vai dar outro sentido as reconstruções identitárias que vão surgir. Posto que os empréstimos no movimento contraditório das ações desses sujeitos trazem a tona os conflitos culturais interétnicos e intraétnicos e as possíveis mudanças culturais.

Ainda que possamos falar de intercâmbio cultural e/ou interação social entre povos constituídos por diferentes grupos étnicos e por distintas nacionalidades os dados

² Refiro-me aqui às críticas que estudiosos latino-americanos fazem dos estudos que se produzem nos EUA sobre fronteira, em especial, a fronteira com o México, a exemplo de Vila (2000) ao contrapor a essencialização do cruzador de fronteira, discutindo que a fronteira gera uma “multiplicidade de outros”. Menciono, também, Tabuenca Córdoba (1987) no momento em que esta autora mexicana critica a teoria de fronteira norte-americana. Ela diz que não é possível pensar em fronteira apenas como metáfora, para se estudar a realidade do México. Considera, ainda, que há nesses estudos uma essencialização dos chicanos de forma que a fronteira se torna invisível, o que possibilita certo colonialismo intelectual presente nos elementos de uma literatura e de uma linguagem. Segundo ela constrói-se um silenciamento que se impõe à fronteira norte, e atinge, também, outros cidadãos mexicanos além da fronteira (cf. 1987, p. 103).

etnográficos, que retratam as relações interétnicas, intraétnicas e transnacionais por meio de valores e significados simbólicos do modo de vida que se constrói no trânsito transfronteiriço, apontam para conflitos decorrentes dos empréstimos culturais ali existentes e do modo como o Estado interfere nas relações sociais.

O conceito de fronteira que requisito para esse trabalho subsidia a interpretação do trânsito transfronteiriço que desnuda o modo de viver daqueles povos, colocando-os diante das duas maiores questões que os estudos etnográficos realizados em situação de fronteira apontaram, quais sejam: a articulação que os sujeitos sociais da fronteira fazem de sua subjetividade em defesa de sua identidade étnica ou nacional e de suas reconstruções identitárias, ou o modo como essas subjetividades foram invisibilizadas e/ou reinventadas em função do jogo de poder frente ao Estado.

As etnografias que se realizaram sobre regiões de fronteira são estudos que destacam conflitos geopolíticos e/ou culturais e subsidiam o que se passou a chamar Antropologia das Fronteiras.³ Entre esses estudos há aqueles que mostram como o Estado impõe-se na fronteira por meio de projetos de construção da identidade da nação e os implementam a revelia, desconsiderando a pluralidade interétnica e intraétnica; bem como a existência das minorias nacionais. Isso revela que as fronteiras são permeáveis, uma vez que se entende essa ação do Estado como uma tentativa de implantar a fixidez. Os estudos mostram que, em um primeiro momento, a ação estatal

³ Autores como Donnan, Hastings e Wilson, Thomas M. (1994) apresentam a linha de pesquisa Antropologia das Fronteiras. Situam a importância desta no pós-guerra quando as políticas de fronteiras entre os Estados-nação tornaram-se um marco nas relações internacionais. Eles pontuam que os antropólogos, em geral, têm mais a dizer sobre as fronteiras culturais e simbólicas dos grupos étnicos que sobre as fronteiras física e geográfica. Citam como precursores desses estudos: Fredrik Barth e Anthony Cohen, que eles têm sido referência para os demais estudiosos que estão alargando esse campo de pesquisa. Discuto isso também a partir dos estudos sobre a fronteira entre EUA e México que fazem surgir o conceito do cruzador de fronteira (*Crossing Borders*) bem como, a idéia de hibridismo cultural. A crítica discordante a estes estudos defende que não se deve fazer da análise da fronteira EUA - México uma referência para se pensar sobre todas as fronteiras, como querem alguns. São exemplos destes estudos críticos: Vila (2000); Nolasco (1990); Grimson (2000) e Canclini (2000).

se dá por intermédio das frentes de expansão que definiam as fronteiras geográficas, ou, por último, mediante as políticas de multiculturalismo que se iniciaram por ocasião do surgimento dos Estados-nação e hoje, pelos acordos binacionais em torno das relações comerciais.

Os dados que falam da etnicidade e da nacionalidade se expressam na travessia das pessoas sobre as águas do rio Tacutu, com seus bens e mercadorias, mobilizadas pela satisfação de seus interesses individuais e sociais, possuem um movimento de dupla direção, embora nos dias de hoje esse deslocamento seja, sobretudo da Guiana para o Brasil.

Quando solicitados a falar sobre esse intenso trânsito transfronteiriço os moradores da fronteira chamam de “intercâmbio”; “nosso modo de viver de lá pra cá”, explicam, é assim mesmo: “tudo misturado”. Interpreto esse modo de pensar sobre a vida na fronteira segundo a noção de “cultura de contato” apresentada por Cardoso de Oliveira (1976). Segundo o autor:

É no interior de uma determinada cultura de contato que poderemos nos propor a buscar soluções para problemas de caráter geral, como o grau de sistematização e consistência entre diferentes valores que coexistem numa cultura, tanto quanto questões mais específicas como o padrão de coerência entre o sistema de valores (qualquer que seja o grau de integração ou consistência) e os mecanismos de identificação étnica.(CARDOSO DE OLIVEIRA, 1976, p. 21).

Neste momento não estou trabalhando com o que se apresenta a mim como metáfora, mas com o que de fato eles elegem para construir o sistema ideológico.

Mas, reconheço que o estranhamento da ordem cultural do “outro” está no nível do simbólico, são os significados que dá a textura dessas relações, o que torna inevitável o aparecimento dos conflitos culturais.

Entre os conflitos culturais que se apresentam por formas mais sutis e moldam as relações sociais na fronteira, estão: o racismo e a desigualdade social. Ambos podem ser vivenciados e percebidos em distintas situações e nos diversos lugares que compõem a região de fronteira. Na oportunidade em que eu discutia com uma jovem guianense sobre desigualdades sociais e racismo presente nas relações sociais vivenciadas na fronteira, pude observar que os conflitos culturais podem ser mediados dentro das redes de parentesco, porque os integrantes de um mesmo grupo étnico criam situações ou barreiras de proteção, tanto na relação com o “outro”, quanto no espaço do “outro”. É nessas situações que a identificação social emerge.

Na conversa com uma jovem guianense, seu depoimento de que não percebia as desigualdades sociais e a discriminação pela cor quando morava em Bonfim contrapõe-se ao exemplo que citou, se referindo à escola onde estudou, em Bonfim, como local de produção da discriminação “por ser negra e por ter vindo de outro país”. Esse discurso também vai de encontro à narrativa sobre a história de sua mãe, tomada como exemplo para conviver com tais processos na “experiência dessas coisas”. Ela narrava que sua mãe era o exemplo para “... eu superar isso tudo, é através dela mesma (mãe), porque eu creio que ela já vivenciou tudo isso. (as situações racistas).

Chamo-os de conflitos culturais porque eles se expressam diante e como fruto da diversidade cultural que ali existe. Quando os sujeitos sociais fazem uso de suas referências para se definirem como diferentes do “outro”, marcam com isso sua identidade. Pode ocorrer de forma sutil ou conflituosa, por meio de gostos musicais, preferências alimentares, saberes escolares, entre outros.⁴

⁴ Como exemplo de um estudo que aborda os conflitos culturais, numa situação de disputa, ver o trabalho etnográfico sobre a fronteira Argentina-Bolívia, de Karasik (2000). Ela descreve uma discussão de como os bolivianos e os argentinos lançam mão da importância de uma dança tradicional da cultura boliviana

Os conflitos externalizados nas relações interétnicas e intraétnicas naquela fronteira impõem-se à observação etnográfica em sutis situações do dia a dia, em microrrelações do cotidiano que expressam o estranhamento da ordem cultural do “outro”. Através dos empréstimos culturais que passam a dominar os códigos de linguagens que primeiro são ensinados na família e depois formam canais de informações sobre o mercado, o câmbio e atividades outras; criam-se “lugares etnicizados”.

A escola e os locais de trabalho e de lazer são lugares expressivos desses conflitos e onde pude encontrar alguns dos “lugares etnicizados”. Além desses lugares, reporto-me também ao curso do rio em seus vários pontos por onde ocorre a travessia dos barcos, lugares também, significativos de trocas simbólicas e do indizível, como assim me apontou a pesquisa de campo. Para possibilitar que sejam reconhecidos os elementos culturais que fazem o trânsito transfronteiriço, utilizo-me de situações que presenciei ou que foram narradas.

As preferências alimentares são um dos elementos culturais mais comuns no trânsito transfronteiriço. Guianenses que residem no Brasil continuam a sustentar hábitos alimentares do seu país de origem. Assim, foi comum encontrar nas viagens entre Lethem e Boa Vista guianenses que levam algumas mercadorias da culinária guianense, a exemplo: conservas de pimenta, *koury* e chás para seu consumo em Boa Vista onde residem. Talvez seja por isso, também, que a feira do produtor, em Boa Vista, seja tão rica na oferta de variedades das mercadorias, expressando, assim, a

para, naquele espaço fronteiriço, demarcar as identidades nacionais, tanto para a Argentina quanto para a Bolívia. A autora apresenta, ainda, o conflito que surge quando um grupo de jovens argentinos _ basicamente, de descendência boliviana, minera, de setores populares _ acostumados a atravessar a ponte internacional para dançar o carnaval do lado boliviano, em Villazón, resolve dançar o carnaval de 1998 na cidade argentina de Quiaca. E fazem uso daquela que é a dança símbolo de abertura do carnaval de Oruro na Bolívia: *La Diablada*.

diversidade cultural da fronteira. Ali, em bancas de indo-guianenses (Coolie), é possível encontrar todos os condimentos, que bem se sabe constituem uma das maiores riquezas da culinária indiana. O tempero indiano, o *koury*, é um exemplo. Segundo D. Lili, não dá para esquecer alguns costumes da alimentação que pode ser preparada em casa, como o *roty*, que é um bolinho caseiro com massa de trigo, sal e óleo, preparado para o café da manhã. Aliás, chá, porque o mais usual em Lethem, no desjejum, é chá preto com leite.

Além desse exemplo de empréstimos culturais que moldam a vida na fronteira citamos, também no setor da culinária, alguns dos hábitos alimentares apreendido da cultura indígena. Todos sabemos que o consumo de peixe é o alimento principal. Entretanto a iguaria peixe como um elemento cultural da culinária em várias partes da região amazônica é associado à pobreza e ao índio e desprezado pelas populações locais. Assim, um professor em Bonfim, me narrou que enfrentou esse conflito cultural ao tratar de hábitos alimentares com crianças de 5ª série de sua escola. As crianças não-indígenas não aceitaram as respostas das crianças Macuxi e Wapixana quando o professor perguntou o que cada um gostava de comer. Como a primeira resposta das crianças Macuxi e Wapixana urbanizadas foi “peixe”, crianças não-indígenas oriundas de outros estados e de uma cultura de metrópole discriminaram suas respostas ao associarem o peixe à comida de “índio” e de “pobre”.

Também junto às mercadorias indígenas que atravessam o rio, está especialmente à farinha de mandioca. Segundo entrevistas, a produção da farinha de mandioca é uma atividade realizada pelo trabalho da mulher indígena. Trazida das malocas da Guiana ou daquelas que se localizam no Brasil, a farinha nas relações comerciais permeia os valores étnicos indígenas, porque em seu trajeto, da fronteira até

as feiras, estão às mulheres indígenas e seus ensinamentos sobre aquele produto. Os ensinamentos de receitas, produzidas com a farinha de mandioca são exemplos das trocas culturais durante a feira, entre barraqueiras ou entre estas e as clientes. Esses saberes estão também no âmbito dos remédios caseiros, como é o caso do tradicional “emplasto de farinha”, na linguagem popular o “angu de farinha”, que serve para drenar tumores e feridas.

É esta circulação de produtos que se tornam mercadorias e que mesmo sendo impulsionadas a fazer a travessia pelas necessidades básicas da vida cotidiana ou por processos de endoculturação que estão repletas de significados da cultura do “outro”.

Também, no aspecto do lazer entre diferentes grupos étnico, na fronteira aqui em estudo, é possível perceber a circulação dos bens culturais que hoje, passam a fazer parte do modo de se divertir, independente da origem tradicional daquela manifestação cultural. Como exemplo, refiro-me às festas de Reggae aos sábados, em Lethem, quando é possível observar a presença transnacional dos elementos da diversidade cultural que compõem aquela região de fronteira. O consumo de cerveja é um exemplo de dois modos distintos de se repensar a idéia de fronteira cultural. A cerveja da Venezuela (Cerveja Polar) tem um custo muito baixo, por isso se tornou consumo muito comum nas fronteiras (incluo aqui a fronteira Brasil-Venezuela), em especial por causa dos baixos recursos da população. No entanto, em Lethem, conforme acentua um repórter do Jornal Estadão, a cerveja brasileira, Antarctica, é mais consumida que a cerveja nacional _ Banks Beer _ mesmo custando o dobro. O fato associa-se ao status, beber a cerveja brasileira infere um poder de status maior diante dos outros. Este é apenas um dos exemplos que nos levam à idéia de empréstimo cultural como algo que dá visibilidade ao jogo de identidades na relação transfronteiriço.

Ali o empréstimo cultural é realizado com uso de um símbolo da cultura nacional mais prestigiada e, neste caso, tem o efeito de demarcar mais ainda a identidade nacional de quem bebe a cerveja por meio do uso da identidade nacional do “outro”.⁵. Aquele com o qual é possível se tornar identificado pelo uso de um dos seus elementos culturais, numa situação em que o jogar com a identidade, no caso a identidade nacional, traz um diferencial de prestígio, de poder, de maior status. Isso repensado para o contexto de uma festa de reggae em que estão interagindo negros guianenses, indo-guianenses, Macuxi, Wapixana e brasileiros regionais induz que se reconheça que a aceitação e a identificação com elementos de diferentes culturas nacionais tornam o elemento cultural contraditoriamente um reforçador de fronteira.

Outro elemento dessa diversidade cultural que faz o trânsito transfronteiriço, também observado naquela festa, é o uso do forró brega⁶ do Norte do Brasil, que marca a identidade dos brasileiros regionais. Durante uma festa de reggae em Lethem, o forró brega dividia democraticamente o espaço durante o tempo que compunha a duração da festa. O uso de outro estilo cultural e transnacional, diferente daquele que dá nome à festa, demonstra como os empréstimos culturais aproximam mais do que separam naquele caso. Em outras palavras, Douglas, jovem negro guianense, disse-me que, mesmo estando em Lethem, tem acesso à comida brasileira, namora as mulheres

⁵ No livro *Identidade e diferença*, o artigo de Kathryn Woodward, propõe um estudo sobre identidade e diferença do ponto de vista operacional, ou seja, nas situações em que esses conceitos podem ser observados um em relação ao outro, quanto à subjetividade dos sujeitos sociais envolvidos. Para ela a “identidade é, na verdade, relacional. E a diferença é estabelecida por uma *marcação simbólica* relativamente a outras identidades (na afirmação das identidades nacionais, por exemplo, os sistemas representacionais que marcam a diferença podem incluir um uniforme, uma bandeira nacional ou mesmo os cigarros que são fumados)”. (Woodward, 2000,p.14).

⁶ Forró é um estilo de música e de dança que nasce no Nordeste brasileiro e associa-se à cultura mais interiorana e humilde daquela região. Sua maior expressão se reflete nas festas de São João, no mês de junho. Os instrumentos musicais utilizados no toque do forró são: a sanfona, o triângulo e o pandeiro. No entanto, ao ser difundida, para as outras regiões do Brasil, passa por modificações e adaptações do recorte cultural de cada uma, assim nasce o forró brega no Norte do Brasil, que se diferencia do tradicional forró no ritmo (galopante) de dançar e no uso de outros instrumentos musicais, como: a guitarra, o violão e a percussão.

brasileiras e ouve a música brasileira, mas...“a nossa música é nossa música, é o reggae”. Suas palavras vão ao encontro da tese de que existe um trânsito, e não uma fixidez. E mais do que isso, que dentro desse trânsito transfronteiriço existem sutis conflitos culturais que demarcam a identidade étnica e a identidade nacional. Em último caso a etnicidade.

Como disse no início do texto, outro modo de pensar os empréstimos culturais e as mudanças culturais e os possíveis conflitos daí decorrentes é por meio dos dados que explicam o significado político e transnacional da presença do Estado.

Então, tomo como referencia alguns dos aspectos e/ou espaços em que o Estado pode se manifestar no cotidiano da fronteira vejamos como se constituem as relações a partir do câmbio. Este nos remete tanto as microrelações do cotidiano da fronteira quanto às macrorelações do comércio internacional. O câmbio entre as moedas que ali circulam é uma situação que expressa muito do simbolismo da relação comercial entre esses dois países. Essa moeda assume um duplo papel de mercadoria e de dinheiro. No primeiro sentido porque muitos vivem de sua compra e de sua venda, e no segundo, porque a adquirem para o uso diário na compra de bens e produtos necessários. Na pesquisa de campo, pude registrar o modo como se realiza o câmbio, porém, penso que articular esses dados etnográficos com as representações sobre o comércio internacional entre Brasil e Guiana torna possível entender qual é o significado das subjetividades em função do jogo de poder frente ao Estado.

O câmbio que ocorre às margens do rio Tacutu inclui as moedas que circulam naquela região, a saber: o dólar guianense, o dólar americano, o bolívar e o real. O controle fiscal sobre elas só ocorre em Boa Vista, onde existem casas de câmbio. Ali às margens do rio Tacutu, após a travessia, surpreendeu-me a abordagem de um homem

que carregava algumas cédulas de dólar guianense nas mãos e algumas cédulas de real no bolso da camisa. Falava em português, sem muito domínio, e interrogou-me, de forma monossilábica, se eu me interessava por comprar dólar guianense. Com a resposta negativa, ele retornou ao local onde estava, embaixo de uma árvore, e continuou a esperar mais pessoas que fazem a travessia sobre o rio Tacutu. Meu guia, naquela primeira viagem a Lethem, um rapaz morador de Bonfim, acostumado a fazer aquele percurso desde criança, comentou: “Hoje é dia do ônibus que sai daqui até Georgetown, pois nesses dias é que aparecem esses vendedores de dólar para que os brasileiros que vão mais pra dentro (que vão seguir viagem depois de Lethem) possam comprar dinheiro guianense”.

Não existe, em Lethem, nenhum tipo de posto de fiscalização. O câmbio entre as moedas é feito naquela margem do rio, ou no local de onde parte o ônibus; não há controle fiscal desse aspecto. Isso é significativo se observarmos que aquela é uma região de garimpo e que no percurso até a Capital, a estrada, que será a continuação da BR-401 corta o distrito de Bartica, onde ficam as maiores minas de bauxita, e também a região de Linden e do rio Berbice. Há que se pensar, portanto, na frágil fiscalização das riquezas minerais da Guiana, ainda mais se considerarmos que a produção mineral extrai a bauxita, o ouro e o diamante. Suas fronteiras são desprovidas de fiscalização e de condições de infra-estrutura, como ocorre em Lethem, para combater as atividades de contrabando.

Do lado de Bonfim, uma senhora guianense também faz troca de dinheiro, ao mesmo tempo em que realiza a venda de pequenos lanches em uma banca colocada embaixo de uma barraca de pau-a-pique com cobertura de palha. Em Boa Vista existem casas de câmbio, no entanto há uma informalidade associada ao câmbio monetário;

também ali é possível fazer a compra ou a venda em lugares como no restaurante guianense, ou com algum doleiro indicado. Creio que tal informalidade reflete: as relações de contrabando, o fluxo de pessoas de diferentes nacionalidades e, também, a circulação de mercadorias mesmo que por via legal. Tudo isso permite que as várias moedas também façam a travessia.

Outro modo de perceber a informalidade com relação ao câmbio está no fato de que em Lethem se recebe dinheiro brasileiro em pequenas mercearias, coisa não muito comum em Bonfim com relação à moeda guianense. Nessa cidade só uma mercearia aceita o dólar guianense, ainda assim, como se fosse um favor do comerciante ao comprador. Isso se explica pelo processo histórico interno da economia nos dois países, ou mais precisamente pelas conseqüências da política externa e interna que se reflete na valorização ou desvalorização monetária do dólar guianense e do real brasileiro.

No que diz respeito à Guiana, sua economia, desde 1989, vem passando por um processo de reorganização, que tem dois momentos. No primeiro, tratou-se de dismantelar a política econômica do período Burnham (1964-1989), quando esse país adotou políticas econômicas do socialismo cooperativo. No segundo, o de reorientar a economia e sanar a grave crise econômica e social em que o país se encontrava/encontra. Durante as décadas de 60 a 80, a linha de governabilidade de Burnham expressava-se pela planificação da economia e, assim, foram estatizados os serviços e fechada a concorrência com a produção estrangeira e o câmbio não-oficial. O processo de estatização que o governo adotou juntamente com a política administrativa de recorte racial, que visava pôr na administração pública o maior número de afro-guianenses, fez com que os Estados Unidos retirasse seu apoio àquele governo. Assim,

as ajudas internacionais com as quais contava Burnham não vieram, e isso levou a Guiana a um “isolacionismo” que culminou em grave crise econômica e social.

Segundo Caíres (1988), quando o sucessor de Burnham, o presidente Hugo Desmond Hoyte, aprovou um ambicioso programa de reorganização econômica, no final de 1989, a idéia principal era salvar a economia que apresentava o país como um dos mais pobres do hemisfério ocidental. Mesmo assim, a Guiana chegou aos anos de 1990 com uma crise econômica caracterizada pela forte presença da economia ilegal; pela remessa de dinheiro de guianenses vivendo no exterior e pela escassez da auto-suficiência na produção de comida desse país, com 40 % da população ganhando um salário mínimo. Começou então, nesse período a rearticulação daquela economia. Os acordos com o Fundo Monetário Internacional (FMI) e outras instituições financeiras são exemplos de que a orientação socioeconômica para a Guiana está no reverso da política anterior.

Além desse quadro conjuntural, outra explicação para a situação de a moeda guianense ser menos aceita nas relações comerciais do lado brasileiro é que hoje o fluxo de relações comerciais dos moradores de Lethem volta-se para dentro do Brasil. Para os comerciantes de Bonfim e Boa Vista não é vantagem adquirir a moeda guianense, exceto para aqueles que vão negociar em Georgetown e outras cidades, caso em que é mais vantajoso adquiri-la no câmbio ilegal em Bonfim porque há uma pequena variação na cotação entre Bonfim e Lethem.

Do ponto de vista da economia guianense, a aparente falta de fiscalização aduaneira relaciona-se à fragilidade daquela economia e, conseqüentemente, ao grau de pobreza que leva a Guiana a ser classificada como uma das economias mais pobres do ocidente. Isso é parte da história sociopolítica e econômica da Guiana, que quando foi

colonizada teve como períodos distintos à administração colonial da Holanda, da França e da Inglaterra, sendo que as moedas e o sistema monetário desses Estados predominaram e criaram ali uma cultura de negociações com várias moedas simultaneamente e, portanto, dificultaram a legitimação do que seria a moeda e o sistema monetário nacional.

Na ocasião em que permaneci na Guiana, o dólar guianense mantinha a seguinte relação com o dólar americano: 150 G\$ dolares guianense valiam 1 US\$ dolar americano. Com o real, a relação era a seguinte: 80 G\$ dolares guianenses por 1 R\$ real. Com essa desvalorização diante do real brasileiro, fica mais viável para os comerciantes de Lethem se deslocarem até o Brasil para realizar comercializações. Isso porque se torna viável para os pequenos produtores venderem a produção de arroz, farinha e alho em Boa Vista, fato que é possível quando não carregam grandes quantidades na travessia de um lado para outro do rio.

A economia brasileira, quanto à origem da moeda e à organização do câmbio monetário, assim como a Guiana traz consigo marcas significativas do período colonial instituídas na fragilidade, desvalorização e política de revalorização cambial de acordo com cada governo.

O recorte histórico do câmbio no Brasil, também demonstra a história de fragilidade e instabilidade monetária, sendo que esse fato deve ser relacionado com a inserção do Brasil no chamado bloco dos países em desenvolvimento e, por conseguinte com o reflexo disso em sua posição na economia internacional.

A moeda brasileira nos anos 70 e 80 era o cruzeiro, que teve que ser adaptado a uma situação de mudança brusca, pois havia uma política deliberada de sobrevalorização do cruzeiro diante de uma pressão devido à balança de pagamento e

devido à crise do preço do petróleo. Furtado (1982), na análise que faz do Brasil por toda a década de 70, aponta que o período de mais credibilidade caracterizou-se pelo aumento da produção, também pontua o momento mais acentuado da crise entre 1974-1978, concomitante ao declínio do preço do petróleo.

A década de 1980 foi herdeira desse quadro conjuntural, agravado com mais uma crise do petróleo. No início dessa década, os produtos brasileiros no comércio internacional perdiam valor, e os juros da dívida externa subiam assustadoramente, aumentando-a. Segundo Teixeira (1993), a década de 80 começa com uma balança comercial desequilibrada, pois, a inflação tinha subido de 46 para 110% entre os anos de 1976 e 1980, e o poder de compra da população tinha caído em função do rebaixamento salarial ocorrido nos anos anteriores.

No âmbito das relações comerciais internacionais que envolvem esses dois Estados-nação entre si, bem como outros países, hoje, primeiros década de 2000, diz-se de cifras significativas e de boas possibilidades no comércio internacional. Trata-se, por um lado, do desenvolvimento da Guiana na venda do que produz e do que pode vir a produzir; por outro, da possibilidade de o Brasil alcançar os mercados do Caribe, o que se vislumbra com a construção da Ponte Internacional do Tacutu e com a continuação da BR-401 em terras guianenses.

Vejamos que o Estado a partir dos acordos bilaterais em diferentes áreas (construção de estradas, pontes e negócios de exportação e importação) produz junto àqueles moradores da fronteira uma dimensão cultural diretamente associada ao poder econômico do Estado-nação de economia mais forte, no caso o Brasil. Três significados conforme o interesse de quem fala são visibilizados nas relações comerciais: 1) Os moradores da fronteira vislumbram, na relação com o Brasil, o

aumento na produção e comercialização do amendoim, do arroz e do alho. 2) Os grandes investidores (guianenses ou não) articulam contatos com políticos de Roraima e com demais investidores brasileiros, propondo acordos com a Comissão de Terras (um órgão público de porte do INCRA⁷). Para a concessão e o arrendamento de grandes extensões de terras para o agronegócio. 3) Os representantes do governo guianense pensam nos serviços básicos de infra-estrutura, por exemplo, na energia elétrica⁸, que proporcionará varias das atividades que podem consolidar as relações comerciais com o Brasil.

No âmbito do que deseja o empresariado guianense e do que podem vislumbrar os investidores e políticos brasileiros a tendência é para avantajadas relações comerciais com implicações desde o rumo que possa vir a ter a política interna da Guiana até os diferentes interesses do capital brasileiro e a influência cada vez maior, criticada por alguns, de que o Brasil possa ter sobre aquele país.

Hoje, a Guiana é um país que chama a atenção dos investidores que chegam a Roraima, uma vez que, após três décadas de identificação com políticas governamentais socialistas, se abre ao investimento capitalista estrangeiro. Ali ocorreram privatizações em setores significativos como na telefonia e nas concessões para a exploração de ouro.

Um Boletim informativo da Assembléia Legislativa de Roraima (Assessoria de Comunicação, 2003) descreve uma viagem de parlamentares e empresários roraimenses para contatos comerciais com autoridades e investidores da Guiana. O documento procura ressaltar a importância e as perspectivas de investimento que a equipe de

⁷ INCRA – Instituto Nacional de Reforma Agrária (Brasil).

⁸ Vários estudos apontam o sistema de energia da Guiana, ao lado da malha viária, como um dos fatores que contribuem com a dificuldade de desenvolvimento daquele país. Merrill (1992, p. 1, Infrastructure) diz: “The unreliable supply of electricity in Georgetown and throughout Guyana was ‘the single most debilitating infrastructural inadequacy, according to Minister of Finance Carl Greenidge. The United States Embassy reported that the lack of electricity in the Georgetown area was a leading factor in emigration from Guyana. Blackouts of sixteen hours per day were common in 1989-90.”

políticos e empresários roraimenses foi constatar, em territórios guianenses. Pontua informações comparativas com o Brasil sobre assuntos polêmicos dizendo que no Brasil delimita-se o acentuado avanço dos investimentos comerciais diante dos assuntos ecológicos e dos direitos sociais das populações tradicionais.

No informativo editado pela Assembléia Legislativa de Roraima, bem como nas matérias do jornal local que saíram na época do contato com a Guiana, as informações são totalmente otimistas. Expressam o interesse empresarial de ambos os lados e acenam para a integração comercial e para a expansão desta, anunciando a possibilidade de criação de um porto em Georgetown de onde redistribuiriam produtos do Brasil, da Guiana e da Venezuela, considerando que essa cidade faz a integração, via BR-174, com Caracas, Manaus e Boa Vista.

Por fim, a expectativa dos políticos da Guiana é similar à do empresariado, distinguindo-se apenas quanto à preocupação com os serviços básicos que poderiam subsidiar a vida na fronteira. Em discurso proferido recentemente, o presidente da Guiana Bharrat Jagdeo também vê com otimismo a relação comercial, mas preocupa-se de forma especial com os serviços de que necessitam para estabelecer a infra-estrutura adequada para a produção crescer e favorecer o desenvolvimento agroindustrial e comercial.

É evidente que existem vozes discordantes a esse modo de integração comercial ou as ações do Estado diante esses interesses econômicos e políticos, e em geral atribuem suas críticas à possibilidade de haver nessas relações comerciais uma anulação da identidade da Guiana diante da dos outros países. O jornal mais importante da Guiana, *The Stabroek News*, em março de 2000 referiu-se à rodovia como possível canal de influência negativa aos valores guianenses. Um trecho de seu editorial afirma:

“Se não quisermos ser engolidos nem perder nossa identidade, entre outras coisas, teremos de rever políticas e estratégias que nos permitam manter a independência diante de gigantes”. É necessário, no entanto, considerar que há uma significativa diferença entre o posicionamento de um jornal, com sua linha editorial e sua prática, e as relações que se constituem, de fato, na forma de pensar e viver dos indivíduos de diferentes grupos étnicos e nacionais em convívio naquela fronteira.

Por fim, o que interessa aqui é interpretar os processos que demonstram os empréstimos culturais, os conflitos e as possíveis mudanças que ali tem lugar. No caso o câmbio e as relações comerciais sugerem alguns desses conflitos e mudanças que se traduzem no modo como estão sendo pensada e realizadas algumas das atividades do comércio internacional.

As Reconstruções Identitárias – Coolie; Guy-bras; Negro guianense, Negro Inglês ou Inglês; Misturado; Caboclo; macuxi

Aqui tomo como referência o conceito de identidade diante o conceito de grupo étnico trazido por Friderick Barth (1969) quando ele diz que é tipo de organização social. O conceito de identidade é usado para definir a si e aos outros, o que pressupõe um certo conjunto de regras e valores sociais que se estabelecem diante as relações sociais. São as especificidades dessas relações sociais estabelecidas na fronteira por meio: das necessidades materiais que guiam a vida das pessoas, das redes sociais e das políticas públicas que fazem os grupos étnicos marcarem suas identidades por diacríticos com base na relação com o lugar de origem, da descendência e de fenótipos. (Pereira, 2005).

No entanto, para apontar esses diacríticos como substrato dessa realidade situo os dois pontos de discussão. Primeiro o significado de fronteiras étnicas em que Barth

(1969) ressalta o sentido de fronteiras sociais para melhor explicar como se atualiza as identidades mesmo quando os integrantes de um grupo se relacionam com os de outro grupo, ocasiões em que se revelam limites de inclusão e de exclusão nos representativos grupos. “E segundo o que Cardoso de Oliverira (1976) classificou como a terceira forma de relação de contato:”.. Quando envolve unidades étnicas relacionadas, mas, presas a um sistema de dominação”. Ali a relação de contato, em cada Estado-nação conforma relações interétnicas mediadas pela situação de classe, portanto a um sistema de dominação.

A relação interétnica que decorre da presença destes grupos na situação fronteiriça evidencia que se torna necessário realizar descrição das formas de manifestação das identidades étnicas, ou seja, como se percebe o “outro” e como os sujeitos sociais concebem o “nós”.⁹ Para o observador etnográfico, estas representações são perceptíveis em depoimentos, mediante termos de tratamento, em expressões ou termos de chacota, em atitudes de comportamento diante do “outro”, em gestos corporais de negação ou de aceitação do “outro”¹⁰.

No jogo das identidades que tem lugar na fronteira, explicar quais são os limites de um grupo étnico, é indispensável à descrição da situação de contato. Assim, tomo como referência à importância das fronteiras sociais de que fala Barth (1969) no sentido

⁹ - Segundo Barth (1969) a indagação que antecede a discussão sobre identidade étnica é quanto ao conceito de grupo étnico, para o que se deve ter claro ser um tipo de organização social. O conceito de grupo étnico, enquanto, uma organização social distanciado da análise de grupo cultural permite que se perceba o conjunto de relações sociais que faz o grupo se definir diante do outro. Assim, também, Cardoso de Oliveira (1976) diz que a identidade étnica pode surgir dos diferentes modos empíricos em que se apresenta a identificação. E, esta é um processo em que os indivíduos estabelecendo relações criam códigos e reflexões uns sobre os outros.

¹⁰ - Recordo aqui a explicação de Geertz, ao usar o termo “descrição densa” de Gilbert Ryle e com esta noção discute o que constitui o esforço do estudioso na prática de fazer etnografia. O exemplo de interpretar os vários sentidos que têm o piscar de olhos numa cultura demonstra o caráter interpretativo dessa linha de pesquisa. “Fazer a etnografia é como tentar ler (no sentido de ‘construir uma leitura de’) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas, suspeitas e comentários tendenciosos, escritos não com os sinais convencionais do som, mas, com exemplos transitórios de comportamento modelado” (1989: p.20).

de trazer elementos da organização social que envolve relações muito complexas e que demonstram como cada grupo étnico exercita a atribuição e auto-atribuição. Entendo que nesse processo de atribuição e auto-atribuição, portanto na ação de anunciar e/ou elaborar a identidade, no cotidiano da vida social da fronteira surge o que aqui estou denominando de reconstrução identitária.

É preciso que se diga que as reconstruções identitárias são, também, assim como o é o conceito de identidade – uma via de mão dupla – posto que pode ser instituída pelo Estado ou criadas pela sociedade e/ou os nativos. Elas se cruzam nos diferentes deslocamentos que a situação de fronteira permite, além de construir-se pelo recorte étnico e binacional se constroem, também, pelos elementos ideológicos de que nos fala Cardoso de Oliveira (1976) e os elementos simbólicos que expressam os significados do pertencimento conforme explicita Woodward (2000). Portanto, é inclusive dialético o movimento que produz estas reconstruções identitárias em que às vezes, denominam o mesmo sujeito social em situação espacial diferente ou em situação econômica modificada.

Portanto ali na fronteira Brasil-Guiana as reconstruções identitárias observadas e encontradas sobre os diferentes grupos étnicos são atribuídas e/ou auto-atribuídas. Por exemplo, os descendentes de indianos são comumente denominados de Coolie. Referem-se a eles desta forma para diferenciá-los dos demais guianenses que moram em Lethem. Estabeleceu-se esse termo porque eles são a terceira geração de indo-guianenses e porque dominam bem o inglês, necessário se faz que algo os reconstruam com um diferencial da identidade nacional predominante. É uma diferença que também se associa à cor da pele.

Bem menos comum foi encontrar a categoria identitária Guy-Brás, ela está mais presente numa linguagem da juventude e trata-se de uma reconstrução identitária que representa descendentes da terceira geração de guianenses que vivem o trânsito interétnico, por vários motivos, e que são resultados da descendência dos casamentos interétnico entre brasileiros e guianenses.

Os negros guianenses, por sua vez, são os moradores de Lethem, talvez decorra daí o fato de que a identidade étnica de ser negro ali diretamente se associa à identidade nacional de ser guianense. Por conseguinte, entendo que a reconstrução identitária se faz por meio do termo “negro guianense” porque, identidade étnica e identidade nacional são usadas mutuamente nos jogos identitários da fronteira no momento das interações sociais entre os demais grupos étnicos. Quando estabelecem essas relações com os brasileiros regionais, mesmo quando possui dupla nacionalidade, estes os identificam pela categoria da nacionalidade, por causa da cor da pele e domínio do idioma inglês. Assim, é necessário dizer que a identidade nacional subentende-se à condição de ser negro, logo, a todo indivíduo de tez negra, na região da fronteira Brasil – Guiana se atribui à identidade de guianense e, com esta, as representações que mediam a forma de lidar com o “outro”. Há, ainda, outra categoria nativa que identifica o guianense e que surge nas interações sociais com brasileiros regionais, é a de “negro inglês” ou simplesmente “inglês”. Observa-se aqui a importância do idioma como marcador diacrítico.¹¹ Por inúmeras vezes ouvi o guia dizer: “Aquele que vem lá é negro inglês”, para identificar alguém que se aproximava. Também, na feira do produtor, em Boa Vista, onde se encontram muitos dos guianenses, que ali residem ou que transitam o

¹¹- A Guiana é o único país da América do Sul que tem como língua oficial o inglês porque foi colonizada pela Inglaterra.

para a compra e/ou a venda de gêneros alimentícios, informações e referências sobre guianenses, é com o uso da categoria negro inglês.

As relações sociais entre brasileiros da região da fronteira em que está presente as diferenças sócio-econômica produzem uma reconstrução identitária desprestigiada para aqueles que descendem dos povos indígenas. A partir da categoria “misturado”, se expressam duas representações coletivas dependendo de quem a usa, melhor dizendo, de acordo com as relações interétnicas que a produzem. A primeira está intrínseca a relação interétnica e surge do resultado do casamento interétnico entre brasileiros indígenas e não-indígenas, se constrói a partir da descendência indígena exposta nos traços fisionômicos e também porque em geral esses casamentos ocorreram entre indígenas e migrantes nordestinos reconhecidamente de baixo poder aquisitivo. O termo “misturado” diz da identidade, da pessoa que fala ou de quem se fala, com a identidade étnica Macuxi o povo indígena predominante naquela fronteira, assim todo “misturado” tem uma mistura com os Macuxi. Percebe-se que aqui predomina um conceito homogeneizante de que índio é tudo igual. E uma vez que ocorrem muitos casamentos intraétnicos os indígenas em seus depoimentos dizem dessa reconstrução identitária de “misturado”.

Para os moradores da fronteira os indígenas Macuxi e Wapixana ou mesmo aqueles que são identificados e se autoidentificam por “misturado” se reconstróem com a denominação de “Caboclo”. Em outras palavras, a categoria nativa para a identidade étnica de indígena é “Caboclo”. Esta se compõe também, do marcador diacrítico da língua. Um “Caboclo”, também, pode ser identificado por fazer uso da língua Macuxi ou da língua Wapixana ou de outra língua no caso de outra etnia. Uma vez possuidor de traços dos fenótipos, o simples fato de não dominar o idioma português, quando estiver

no Brasil, também é sinônimo de atribuição desta identidade contrastiva. No Brasil e na Guiana as representações coletivas que se têm dos caboclos são pejorativas e obedecem a um forte componente ideológico dos interesses que se encontrem em jogo.

Ao mesmo tempo, em termos de linguagem do senso comum, criou-se outra representação que também reforça a identificação com a etnia Macuxi. Neste caso, para explicar a identidade pela origem do lugar. O indivíduo “misturado” pode ser representado pela categoria regional “macuxi”, não, o membro da etnia Macuxi, mas, aquele que nasceu em Roraima ou identifica-se como roraimense. Estas atribuição e auto-atribuição aparecem, tanto em conversas entre pessoas que têm cursos em nível superior, ou que possuem certo grau de instrução formal, quanto entre as pessoas mais humildes e sem estudos que vivem na periferia de Boa Vista¹² e em Bonfim. Assim, dizem, ao se reportarem à identidade roraimense daquele com quem se fala pelo uso e gosto por comidas apimentadas: “Essa daí é mesmo macuxi, gosta de comer na adamurida”¹³, ou a referirem-se aos traços físicos: “Essa é macuxi, não tem nem o que negar”. Há aqueles que fazem uso desta categoria “macuxi” por gostarem do estado de Roraima: “Eu sou mesmo é macuxi, não ver que sempre volto pra cá”. Os Macuxi é a etnia predominante neste trecho da fronteira Brasil – Guiana, em especial, nas imediações dos municípios de Bonfim e da cidade de Lethem. Talvez seja por isto que eles inspiram o uso do nome de sua etnia como uma categoria nativa que identifica pessoas não-indígenas e requisitam uma identificação com o lugar (Roraima) por causa da referência do estado com este grupo étnico.

¹² - Minha experiência de vida na fronteira com residência em Boa Vista me permitiu conviver com pessoas de nível universitário em virtude do contato que fiz com professores da Universidade Federal de Roraima com pessoas humildes de um bairro da periferia, denominado Setor Caranã, local onde morei durante os primeiros meses de estada naquela cidade.

¹³ - Referência ao uso bastante forte da pimenta na comida, costume indígena das etnias daquela região.

Considerações finais:

A vida na fronteira impõe aos diferentes grupos étnicos um trânsito transfronteiriço diário e contínuo. Desse trânsito resultam relações sociais que se fazem por meio de empréstimos, mudanças e conflitos culturais em que aflora o componente ideológico da discriminação e da exclusão quanto ao jogo identitário.

Em algumas situações, no entanto, transitar pelas vias da identidade nacional torna-se uma estratégia facilitadora para exercitar as relações interétnicas. O que nem sempre é possível nas relações intraétnicas (entre povos indígenas) pois nesse caso a identidade étnica se sobrepõe à identidade nacional.

É perceptível que as diferenças étnicas e culturais dos povos da fronteira possam suscitar conflitos entre os indivíduos em situações de relação de contato interétnico em que as individualidades se impõem. No entanto, naquela fronteira estas diferenças vividas como diversidade cultural entre grupos étnicos criaram, ao longo dos anos, com base em interesses e necessidades geradas pelas condições materiais e socioculturais daquele espaço, a mediação por meio da negociação de identidades que resultou nessas construções identitárias.

RECONSTRUCTIONS IDENTITY IN PLURAL SOCIETIES: the people of the border Brazil – Guyana**Abstract**

The reconstruction of identities that is taking place in the Americas is interconnected with the phenomenon of the Nation-State, for they are the consequences of colonization processes that have dominated peoples and disintegrated cultures. The national question - which began in the American colonial world as of the 1800's

independence movements in Latin America – has been articulated with contradictions. The resulting Nation-States took on the configuration of power of those who continued to pursue the same set of interests and privileges of the colonial power. For those under domination – **native and black people** – this meant the continuation of colonialism. This paper will investigate the ways through which these peoples have reconstructed their identities within a counter-hegemonic movement in the Brazilian and Guiana frontier. My goal is to study culture and nationalities based on categories of identity.

Keywords: Brazil; Guyana; border; identities.

Referências

BARTH, Fredrik. Grupos Étnicos e Suas Fronteiras (1969) In: Poutignat, Philippe e Streiff-Fenart, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade**. Tradução de: Elcio Fernandes. São Paulo: UNESP, 1998.

CARDOSO DE OLIVEIRA, R. **Identidade, Etnicidade e Nacionalidade no Mercosul**. Revista de Política Comparada, maio/agosto, V.I, nº 2, 1997.

_____. **Identidade, Etnia e Estrutura Social**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1976.

CAIRES, David de. **Guyana After Burnham: a new era? Or is president hoyte trapped in the skin of the old PNC?'** In: Caribbean Affairs, jan. – mar., V. 1, Ano 1, 1988.

ESTEVA FABREGAT, Claudi. **Estado, Etnicidad y Biculturalismo**. Barcelona: Edições Península, 1984.

FURTADO, Celso. **O Brasil Pós-Milagre**. 7ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

GORDILLO, Gastón e LEGUIZAMÓN, Juan Martín. **El Río y la Frontera: mobilizaciones aborígenes, obras públicas y mercosur en el Pilcomayo**. Buenos Aires: Biblos, 2001.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1989.

PEREIRA, Mariana Cunha. **A Ponte Imaginária**: o trânsito de Etnias na Fronteira Brasil-Guiana. (Tese de Doutorado), Brasília;DF:UnB, 2005.

TEIXEIRA, Francisco M. e TOTINI, Maria Elizabeth. **História Econômica e Administrativa do Brasil**. 3ªed., São Paulo: Atica, 1993.

VIOTI, Emilia. **Coroas de Glória, lágrimas de sangue**: a rebelião dos escravos de demerara em 1823. São Paulo: UNESP, 1998.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e Diferença**: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.) Stuart Hall e Kathryn Woodward. Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis; RJ:VOZES, 2000.

www.incra.gov.br

www.ibge.gov.br

www.isa.org.br

Data de recebimento: 14/04/2010

Data de aceite: 25/05/2010
